

Bancos dos EUA agora querem negociar

Roberto Garcia

Correspondente

Washington — Os grandes bancos americanos credores do Brasil reagiram com cuidadoso otimismo às notícias do acordo do Clube de Paris anunciado na madrugada de ontem na capital francesa. “Esse era o principal obstáculo para o início de uma negociação. Agora estamos prontos e com vontade de resolver rapidamente essa questão”, afirmou um membro da comissão de assessoramento dos bancos credores do Brasil.

Embora os bancos privados sejam independentes em suas decisões a respeito do reescalonamento da dívida brasileira, certamente estão recebendo uma série de sinais favoráveis que levarão em conta, afirmam fontes governamentais e privadas americanas. O primeiro deles foi o relatório favorável do

Fundo Monetário, depois o acordo do Clube de Paris de reescalonar os atrasados de 1985 e 86 sem um acordo prévio com o FMI e, agora, a ampliação desse acordo para incluir tanto juros quanto montantes que ainda estão para vencer.

O acordo foi o resultado de um paciente trabalho nos últimos meses por parte da equipe econômica brasileira. Mas fontes governamentais e privadas na capital americana afirmam que foi necessária uma decisão política no mais alto nível do governo americano para superar barreiras consideradas intransponíveis até alguns dias atrás. O secretário de Estado George Shultz abordou o secretário do Tesouro James Baker no fim da semana passada para que as objeções a maiores concessões ao Brasil fossem eliminadas. Um papel importante nas discussões com o Departamento de Estado foi desempenhado pelo novo embaixador em Washington, Marcílio Moreira.